

INSANITY CRUSTIES

anarcopunkcrustäsfuckzine.

#2

UP THE FUCKING PUNKS

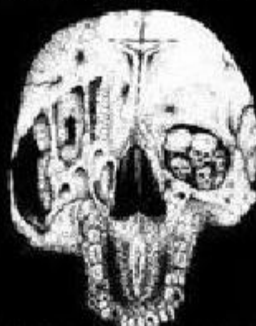
FRAMTID

MATERIA DA EDICAO : CRASHER CRUSTIES



ENTREVISTAS: Unfit Scum

the kront



混血のクソ野郎



MAIS TEXTOS LINKS Y AFINS!

EDITORIAL

Êra!

Em suas mãos a segunda edição do zine INSANITY CRUSTIES!

Entre a última edição e esta um pouco da minha visão sobre como o zine deve ser mudou um pouco e para a terceira edição a cara dele deve mudar um tanto, algumas seções serão desmembradas em outras diferentes seções e provavelmente terá mais participações na editoração e na produção, mas sem perder as características principais, anarcopunkcrustäsfuck com muito preto!

As entrevistas foram bem legais e retratam um pouco da visão das bandas, elas foram respondidas pelo Bonga e pelo Murilo, Kroni e Unfit Scum respectivamente. Uma pergunta que agora vai figurar bastante nas entrevistas é em relação à skinheads e a postura das bandas em relação a esta moda que permeia a cena punk no momento. Futuramente a Insanity Crusties irá publicar material à respeito, mas no momento a imagem que consta na capa retrata bem a minha visão sobre isto. ANTI OI! RIP OFF!

Nesta edição temos um texto chamado "Abandone o Ativismo" (que vem seguindo a linha do texto do último zine sobre Black Block) que em minha opinião retrata diversos problemas que temos no meio onde atuamos politicamente e que também propõe soluções que me parecem também bem cabíveis na nossa realidade.

Na matéria da edição ao invés da biografia de uma banda resolvi falar um pouco sobre uma cena não tão comentada quanto Suécia e Finlândia, a cena Crasher Crust Japonesa, que em minha opinião é extremamente importante na construção do que é o crust hoje em dia. Escrever sobre esta cena foi bem difícil e espero não ter errado em algo nem deixando algo importante de fora, mas também é uma matéria e não um documentário.

A arte aqui do editorial é do EP "Vida Violenta" da Final Slum War.

O espaço aqui continua aberto a sugestões, matérias, entrevistas e afins, o contado ainda é o mesmo insanitycrusties@gmail.com

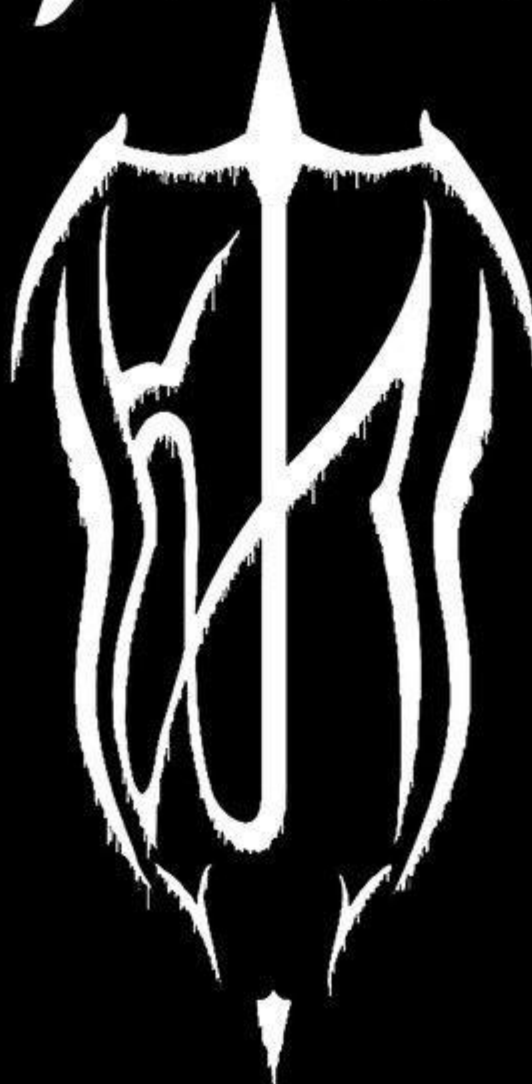


gritäo.



ENTREVISTA KRONI

Kroni é uma banda da cena crust de SP que misturando sludge punk e metal criam uma atmosfera pesada, sombria e sem esperança. A entrevista foi boa e foi respondida pelo Bonga e pelo Ale.



Quando a banda começou?

Bonga: Os primeiros ensaios começaram no início do Inverno de 2010, mas a idéia da banda vem, pelo menos, do início de 2010 (minha e do guitarrista, Ale), apenas estávamos esperando o Ale trabalhar a sua técnica, procurando um baterista e amadurecendo as composições. Nosso ritmo de trabalho é bem lento, o que é bom em algumas coisas e ruins em outras.

Por que KRONI?

Bonga: Não queríamos um nome clichê, que a pessoa já entendesse na hora a proposta da banda, mas a escolha da palavra eu vou deixar para o guitarrista, Ale, responder, pois a idéia de nome foi dele.

Ale: Me identifico com o ser fantasioso Kroni pela sua história. Ele é a personificação do mal na mitologia indiana Ayyavazhi (considerada uma seita do hinduísmo). É a mesma representação que Satã tem para os cristãos. Este demônio tem uma enorme fome de fogo, porém não consegue aguentar com tanto calor, então começa a beber toda a água da Terra para cessar a sua sede, mas, mesmo assim, não é suficiente, então engole a morada de Shiva (o deus hindu) e devora o Universo inteiro.

Me identifico, pois, com toda a pressão causada pelo mundo em cima da gente, nós sempre tentamos aliviá-la com algo, que acaba nunca sendo suficiente e sempre queremos mais e mais.

Mas, talvez, a filosofia que mais me levou a essa tal identificação foi que o Kroni é visto como o mal que impede ao ser humano atingir a felicidade e o conhecimento absoluto, e todos seres acabam se confrontando com isso no dia a dia, a todo momento. Ninguém é sempre feliz. Ninguém tem todas as suas questões respondidas.



Qual a formação inicial e a atual?

Bonga: Nunca trocamos a nossa formação. Eu e o Ale fizemos apenas um ensaio com outras pessoas, mas não rolou e a proposta da banda era um pouco diferente, mais Crust. Eu e o Ale encontramos o Ti e começamos a ensaiar sábado de manhã em trio. Assim construímos as nossas duas primeiras músicas. Foi quando um dos proprietários do estúdio que ensaiamos, Caffeine, o Renato, acabou entrando para o baixo. Aconteceu bem naturalmente, ele se identificou com o som e nós com a pessoa dele, assim viramos amigos e companheiros de banda. Com a entrada do Renato, o leque sonoro da banda se abriu ainda mais. Não pensamos em tal banda ou som antes de compor alguma música, ela simplesmente vem.

Qual foi a proposta inicial da banda? Por que fazer um som lento?

Bonga: Como comentei na pergunta anterior, a proposta da banda antes era fazer um som um pouco mais Crust, na época estávamos sendo bastante influenciados por bandas como HELLSHOCK, MISERY, FILTH OF MANKIND, AXEGRINDER, mas quando começamos a ensaiar com o Ti, a idéia da banda já era diversificar as nossas influências e não copiar nenhum estilo de som e, sim, criar uma identidade própria. Não falando pela banda, mas quis fazer um som lento para contemplar melhor as questões existencialistas e pensamentos pessimistas que eu tenho. Apesar de sempre ter cantado em bandas de Hardcore, sempre gostei de lidar com estes tópicos e acho que um som mais climático transmite melhor essa sensação de dor, vazio, desespero e tristeza. Com certeza, não quero que você saia sorrindo da nossa apresentação e

nem que se levante no dia seguinte achando que a Terra tem conserto.

Quais bandas são influência pra vocês?

Bonga: Como comentei, não temos nada como referência, embora tenhamos muitas coisas como influência. Vou citar as que mais me inspiram para o KRONI. AXEGRINDER, BLACK SABBATH, SAINT VITUS, WARCOLLAPSE, NEUROSIS,



CANDLEMASS, BOLT THROWER, PENTAGRAM, METALLICA, GRIEF, AUTOPSY, GODFLESH, BATHORY, DEVIATED INSTINCT, WINTER, URIAH HEEP, ELECTRIC WIZARD, ASUNDER, VON, BENEDICTION, SWANS, MORNE, BIRTH CONTROL, EFFIGY, HELLSHOCK, CRASS, EYEHATEGOD, MISERY, CELTIC FROST, BAUHAUS, NAPALM DEATH, COSMIC JOKERS, VENOM, NOOTHGRUSH, YOB, KILLING JOKE, SLEEP, LED ZEPPELIN, AMEBIX, EXTREME NOISE TERROR, DISCHARGE, GISM.

Fora da musica, o que influencia a banda?

Bonga: Existencialismo, drogas, destruição, iconoclastia, o podre ser humano, as nossas vidas de merda, a insanidade religiosa, etc.



Em um cenário que preza muito pela musicalidade, qual a importancia das letras pra voces?

Bonga: A importância das letras é muita. Para mim, uma coisa não funciona muito bem sem a outra. Até tive uma idéia para tentar que as pessoas prestem mais atenção à letra nas gigs, mas não vou revelar agora, hahaha.

Previsão para sair material em breve?

Bonga: Está bem enrolado o lançamento do nosso primeiro

material. Já terminamos a gravação, mas os sons estão em fase de mixagem/masterização. Espero que em 2012 consigamos disponibilizar o primeiro material da banda.

Quais as dificuldades em relação a trabalho, sobrevivência e manter uma banda?

Bonga: Creio que o mais difícil seja o tempo para se dedicar a banda. Para compor sons/letras, para ensaiar, para tocar, para viajar, é complicado mesmo manter a banda tendo um emprego formal. Outra coisa é a nossa cabeça. Nem sempre os quatro estão bem ou com tempo para fazer algo para a banda no mesmo período. Uma banda é bem mais complicado que um casamento.

A banda tem alguma postura politica definida?

Bonga: A banda não, pois não é nossa intenção doutrinar ninguém, mas cada um tem as suas idéias e participam da cena punk como querem e como podem.

O que vcs acham da moda skinhead na cena punk de sp?

Bonga: Sou totalmente contra a cultura skinhead. Não faço questão de ter amigos, colegas ou companheiros de cena que se misturam com este tipo de indivíduo, seja ele RASH, SHARP, TRAD ou o que for. Skinhead é uma cultura inglesa, que glorifica a violência gratuita, a homofobia, o futebol, a ignorância na área política, além do orgulho de fazer parte da classe explorada. Não tem nada a ver com o punk que vivemos hoje em dia, além do som simples e de ser uma cultura de rua. Para mim, a cultura skinhead é um câncer que traz moral, pessoas bem vestidas, violência e burrice para a cena punk. SKINHEAD? OI!? FODA-SE, vá pra Inglaterra e me deixe em paz!



Vocês estão envolvidos em outros projetos, coletivos e/ou outras atividades contra culturais?

Bonga: Já estive envolvido com movimentos sociais e coletivos que atuavam na área política há, no mínimo, uns cinco anos atrás, que só aumentaram a minha descrença e fizeram eu ter ainda mais nojo da sociedade, da vida... De tudo. Procuro ser o mais a margem possível, atuar na cena, o que é uma das únicas coisas que me dão prazer, e deixar que tudo se

exploda enquanto eu observo com meu copo, com meu baseado, com minha companheira, meus amig@s e com o meu toca-discos. Hoje em dia, além do Kroni, atuo na cena escrevendo o fanzine **NUVEM NEGRA**, colaborando para o fanzine **NAUSEA** (Marcelo **ROT** e sua companheira) e cantando no **HELVETIN VIEMÄRIT** (PunkCoreNoise cantado em finlandês). Também já organizei shows em Santos e São Paulo, cantei nas bandas **CULTURA DECADENTE** (hardcore/punk), **DISKÖNTROLL** (d-beat hardcore) e **HAMMER OF DOOM** (Stenchcore/Crust).

Agradeço a atenção e a paciência, e fica o espaço para dizer o que quiser!

Bonga: Valeu Gritão. Seu fanzine tá muito massa, espero que não desista e continue produzindo contracultura. Para quem estiver lendo, seja você mesmo, não se espelhe em ninguém para construir suas idéias. Seja seu próprio herói e faça você mesmo.



ENTREVISTA UNFIT SCUM

Unfit Scum é uma banda de São Paulo que faz um barulho entre o crust e o noise hardcore, a entrevista foi respondida pelo Murilo.

Quando a banda começou e o que motivou vcs a formarem a banda.

Murilo: Em 2009, desde que eu morava em Caxias do Sul, eu, Marcelo e Jeferson falávamos sobre montar uma banda.. Eu me mudei para cá, marcamos um ensaio e começou a rolar.. O Jeferson já tinha uma porrada de sons e letras prontos. Eu nunca tinha participado de banda e o Jeferson também estava começando com a guitarra.. Queríamos fazer um som mais cru possível, e na real não tínhamos outra escolha hehehe...



Qual a formação da banda? E por que Unfit Scum?

Murilo: Murilo-vocal, Marcelo-bateria, Jeferson-guitarra, Diego-baixo.
Porque sim.

Quais são os materiais lançados até agora?

Murilo: 2 coletâneas em K7, participação com 2 sons no CD/LP 4 WAY FOR DESTRUCTION, com Death From Above de Goiânia), Disgust e Darge do Japão. Em breve LP só nosso, pelo menos é isso que planejamos e o mínimo que devemos lançar enquanto banda...

Qual o lance de vcs com o k7?
Murilo: Gostamos de K7, creio que todos da banda vieram da época do K7, vai me dizer que não era bem mais legal ficar em casa ansioso por aquela fita que você está por receber do que ficar feito uma ameba ouvindo "bandas obscuras" na merda do youtube? Apoiamos o esquema de trocas de fita k7...

Quais bandas são influencia pra vocês? (Sei que vocês curtem bastante hardcore japonês)

Murilo:

Vorkriegsphase, Gai, ENT (do começo), Doom, Discharge, Maho Neitsyt, Mob 47, Nyx Negativ, Bizarr, Shitlickers, Kuro, Gudon, Tetsu Arrey, Confuse, Disorder, Swankys, Excrement Of War...

Pergunta pros desenhistas da banda, o que influencia suas produções?

Murilo: Gosto muito do Lourenço Mutarelli, Sam Keith (criador do The Maxx, também fez algumas edições do Wolverine na Marvel),

Portinari, Pushead, Sugi, gosto muito da estetica punk japonesa, CRASS, curto também os trabalhos de amigos como Tomas Spicoli, Dadaísmo, Zdzislaw Beksinski, as bandas que eu escuto, etc.

Fora da musica, o que influencia o som e as letras da banda?

Murilo: Obviamente nosso cotidiano e visão/idéias/posturas políticas e individuais...



Como vocês analisam a cena crust de SP?

Murilo: Detesto a palavra "cena", e creio que esse conceito de crust também é um tanto quanto supérfluo. Os crusties vieram diretamente do anarcopunk - que lá fora também é outra coisa - mas com uma postura mais niilista ainda, nômade, squatter... Olha em volta e vê se algum "crust" aqui é assim... Crust não é apenas "metal-punk".





Quais foram as melhores gigs até agora? Planos pra alguma tour em breve?

Murilo: Eu gostei muito de tocar no Caffeine, com o Pr4g4 e Test.. Levando em conta o momento que escrevo, foi nossa última. Gostei também de tocar com Skarnio em Itapevi, e com o Besthoven... Sim, eu gostaria muito de ir pro Uruguai, Argentina e Chile... Europa e Japão seria foda, mas tendo em vista nossas condições financeiras, uma ida pro Sul já seria fudido...



A banda tem postura política definida? Na opinião de vocês, qual a importância da política para o crust?

Murilo: Não. Sou bem porra-loca e decepcionado com toda a hipocrisia que cerca essas pessoas que se dizem "libertárias"... Eu só posso responder em relação a mim... Claro que isso não é sinônimo de apatia e falta de autocrítica, muito pelo contrário. Tenho muita afinidade com o anarquismo, niilismo, libertação animal, mas tudo sob uma ótica bem particular...

O que vocês acham da moda skinhead na cena punk de SP?

Murilo: Uma bosta. Parece que ninguém quer enxergar o óbvio da história que ronda essa culturazinha machista de merda, os caras são burros por si só e acreditam piamente nesse revisionismo descarado em relação ao "surgimento do skinhead", toda a merda xenófoba que rolava desde os anos 60 e toda a ligação das principais bandas oi! inglesas com a National Front é IGNORADA em nome de manter uma identidade que adquiriram via internet, que vão tomar no cu então. Puta bagulho CHATO e patético.

Vocês estão envolvidos em outros projetos, coletivos e/ou outras atividades contra culturais?
Murilo: eu não, o Diego toca no Social Chaos e no Homeeless, o Jeferson toca no Helvetin Viemarit.



Agradeço a atenção e a paciência, e fica o espaço para dizer o que quiser!
Murilo: Ouçam Disorder, Sore Throat e encham a cara...

Booze fix our lives!!!



ABANDONE O ATIVISMO

Este artigo de autoria de Andrew X tem como título original, em inglês, "Give up Activism" e foi publicado no livro de reflexões sobre o 18 de junho organizado pelo Reclaim the Streets de Londres. No dia 18 de junho de 1999, data do encontro do G-8 em Colônia, foi realizado um dia de ação global contra o capitalismo, sendo que Londres foi a cidade onde as manifestações ganharam maiores proporções e foram puxadas, principalmente, pelo Reclaim the Streets.

ABANDONE O ATIVISMO

Um problema visível no dia de ação 18 de junho foi a adoção de uma mentalidade ativista. Esse problema se tornou particularmente óbvio com o 18 de junho, precisamente, porque as pessoas envolvidas na sua organização e as pessoas envolvidas no dia se esforçaram por superar suas limitações. Este artigo não pretende criticar ninguém envolvido em particular, mas sim, é uma tentativa de estimular o pensamento sobre os desafios que nos confrontam se levarmos realmente a sério a nossa intenção de acabar com o modo de produção capitalista.

EXPERTS

Por "mentalidade ativista" eu pretendo me referir a aquelas pessoas que vêem elas mesmas, primeiramente, como ativistas e como pertencendo a uma comunidade maior de ativistas. O ativista se identifica com o que ele faz e o encara como sendo sua função ou papel na vida, como um emprego ou carreira. Da mesma forma que algumas pessoas se identificam com seu trabalho de médico ou professor e, ao invés desse trabalho ser apenas uma coisa que ocasionalmente elas estarão fazendo, ele acaba se tornando uma parte essencial da sua auto-imagem.



O ativista é um especialista, ou expert, em mudança social. Ver a si próprio como um ativista significa ver a sim mesmo como sendo alguma espécie de privilegiado ou estando mais avançado do que os outros na sua apreciação do que é necessário para a transformação social, no conhecimento de como alcançá-la, e como líder ou pessoa na linha de

frente da luta concreta para criar essa transformação.

O ativismo, como todas as atividades de experts, tem sua base na divisão do trabalho, - ele é uma tarefa especializada e separada. A divisão do trabalho é a base da sociedade de classes, sendo a divisão fundamental aquela entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. A divisão do trabalho opera, por exemplo, na Medicina, na Educação - ao invés da cura e desenvolvimento das crianças serem de conhecimento comum e tarefas que todos participem, esse conhecimento se torna a propriedade especializada de médicos e professores - experts em que devemos confiar para que façam essas coisas para nós. Experts, de modo ciumento, guardam e mistificam as habilidades que eles possuem. Isto mantém as pessoas separadas e sem poder, e reforça a sociedade de classe hierárquica.

A divisão do trabalho implica que uma pessoa exerça uma função em benefício de muitas outras, que, assim, renunciam a essa responsabilidade. Uma separação de tarefas significa que outras pessoas plantarão sua comida, farão suas roupas e suprirão sua eletricidade, enquanto você concordar em realizar uma troca social. O ativista, sendo um expert em transformação social, assume que as outras pessoas não estão fazendo nada para mudar suas vidas, o que o faz sentir em dever ou responsabilidade de fazê-lo em benefício delas. Ativistas imaginam que estão compensando a falta de atividade de outros. Definirmos nós mesmos como ativistas significa definir nossas ações como aquelas que trarão a transformação social e, consequentemente, desprezando a atividade de milhares e milhares de não-ativistas. O ativismo é baseado nessa concepção errada de que são somente os ativistas que fazem a transformação social, - e é claro que a luta de classes acontece o tempo todo.

FORMA E CONTEÚDO



A tensão entre a forma de "ativismo", na qual nossa atividade política aparece, e a ampliação da radicalidade de seu conteúdo cresceu há apenas alguns anos atrás. A experiência que possuía muitas pessoas envolvidas no 18 de junho era a de "ativista" de "campanha" sobre um "tema". O progresso político, que tem ocorrido a partir dos últimos anos, tem implicado na saída de muitas pessoas de campanhas sobre temas singulares contra campanhas ou desenvolvimento específicos para uma melhor e promissora perspectiva anti-capitalista, mesmo que imperfeitamente definida ainda.

Ainda que o conteúdo da atividade de campanha tenha se alterado, a forma de ativismo não mudou.

Então, ao invés de visar a Monsanto e ir até sua sede ocupando-a, temos agora enxergado além da simples faceta do capital representado pela Monsanto e desenvolvido uma "campanha" contra o capitalismo. E qual lugar melhor para se ir e se ocupar do que aquilo que é percebido como sendo a sede do capitalismo, - a City (centro financeiro de Londres) ?

Nossos métodos operacionais são ainda os mesmos de como se estivéssemos visando uma corporação ou desenvolvimento específico, apesar do fato do capitalismo não ser, no todo, da mesma natureza e os meios com os quais se pode acabar com uma empresa, em particular, não serem completamente os mesmos para se acabar com o capitalismo. Por exemplo, fortes campanhas de ativistas de direitos dos animais têm obtido sucesso em destruir os criadores de cães Consort e a criadora de gatos, Hillgrove Farm. Os negócios foram arruinados e entraram em concordata. Semelhantemente, a campanha levada contra os vivisseccionistas mor, Huntingdon Life Sciences, obteve sucesso reduzindo o preço de suas ações em 33%, mas a empresa conseguiu sobreviver dirigindo uma desesperada campanha de PR na cidade para elevar os preços. O ativismo pode muito bem acabar com um negócio, porém acabar com o capitalismo requisitará muito mais do que simplesmente estender esse tipo de atividade a todos os negócios e todos os setores. Semelhantemente à destruição de açougues por ativistas de direitos dos animais, o resultado em cadeia é provavelmente e tão somente apenas ajudar os supermercados a fecharem todos os pequenos açougues e portanto participar do processo de competição e "seleção natural" do mercado. Com isso, ativistas freqüentemente obtém sucesso na destruição de um pequeno negócio, enquanto fortalecem o capital como um todo.

Algo similar ocorre com a ativismo anti-estradas. Protestos anti-estradas em larga escala têm criado oportunidades para o surgimento de um novo setor inteiro do capitalismo - segurança, vigilância, construtores de passagens subterrâneas, teleféricos, especialistas e consultores. Somos agora um "risco do mercado" entre outros a serem levados em conta quando se propões contratos para construção de estradas. Nós podemos, inclusive, ter ajudado às leis das forças do mercado, forçando a saírem as companhias que são mais fracas e menos capazes de competir. A consultora anti-protesto, Amanda Webster, afirmou: "o advento dos movimentos de protestos trarão vantagens no mercado para aquelas empreiteiras que podem lidar com eles efetivamente". Novamente, o ativismo pode destruir um negócio ou parar uma estrada, mas o capitalismo segue muito bem adiante, se não mais forte do que antes.



Esses fatos são, certamente, uma indicação (se alguma fosse necessária) de que ferir o capitalismo requer não somente uma mudança quantitativa (mais ações, mais ativistas), mas uma mudança qualitativa (precisamos descobrir alguma forma mais eficaz de agir). Parece que temos muito pouca idéia

do que realmente pode ser necessário para destruir o capitalismo. Como se tudo o que precisássemos alcançar fosse algum tipo de mobilização em massa de ativistas ocupando escritórios e, então, teríamos uma revolução...

A forma de ativismo tem se preservado, apesar do conteúdo dessa atividade ter ido além da forma que a contém. Nós ainda pensamos nos termos de sermos "ativistas" fazendo uma campanha sobre um "assunto", e porque somos ativistas de "ação direta" iremos e "faremos uma ação" contra um alvo. O método de campanha contra processos específicos ou companhias específicas tem sido mantido sobre esta nova perspectiva de atingir o capitalismo. Estaremos tentando atingir o capitalismo e concebendo o que estamos fazendo em termos completamente inapropriados, utilizando um método de operação apropriado ao reformismo liberal. Temos, então, o bizarro espetáculo de "fazer uma ação" contra o capitalismo, uma prática absolutamente inadequada.



FUNÇÕES

A função do "ativista" é uma função que adotamos como aquela do policial, pai ou padre - uma estranha forma psicológica que usamos para definir a nós mesmos em relação aos outros. O "ativista" é um especialista, ou um expert, em transformação social - ainda que, quanto mais forte nos apeguemos e formos fiéis a este papel, mais estaremos impedindo a transformação que desejamos. Uma verdadeira revolução envolverá a quebra de todos os papéis e funções pré-concebidos e a destruição de todo o especialismo - a recuperação de nossas vidas. Esse ato de controle sobre nossos próprios destinos, que é o ato da revolução, envolverá a criação de novos seres e novas formas de interação e comunidade. "Experts" de qualquer tipo podem apenas obstruir isto.

A Internacional Situacionista (I.S.) desenvolveu uma rigorosa crítica dos papéis e, particularmente, do papel do "militante". Suas críticas eram principalmente dirigidas contra ideologias de esquerda e social-democratas porque eram essas, principalmente, as que eles rivalizavam. Embora essas formas de alienação ainda existam e sejam facilmente vistas, em nosso particular meio é o ativista liberal que nós conflitamos mais frequentemente do que os militantes de esquerda (*). No entanto, eles compartilham muitas características em comum (o que é claro, não é surpresa). O situacionista Raoul Vaneignem definiu o papel como segue: "estereótipos são imagens dominantes de um período. O estereótipo é um modelo de um papel; o papel é uma forma de modelo de comportamento. A repetição de uma atitude cria um papel." Desempenhar um papel é cultivar uma aparência para a negligência de tudo o que é autêntico: "sucumbimos à sedução das atitudes emprestadas". Como desempenhadores de papéis, nós vivemos em inautenticidade - reduzindo nossas vidas a uma gama de clichês - "quebrando nosso dia em uma série de posturas escolhidas mais ou menos

inconscientemente dentro de uma gama de estereótipos dominantes". Esse processo tem estado em ação desde os primeiros dias do movimento anti-estradas. No Twyford Down, após a Quarta Amarela em dezembro de 1992, a cobertura da imprensa e da mídia enfocou a Tribo de Dongas e o aspecto contracultural dos dreadlocks dos manifestantes.



Inicialmente, este não era de modo algum o elemento predominante - havia um grupo de ramblers no despejo, por exemplo. Mas as pessoas atraídas para Twyford pela cobertura da mídia acharam que todas as pessoas lá usavam dreadlocks. A cobertura da mídia teve o efeito de fazer com que pessoas "comuns" ficassem longe e mais tipos contraculturais de dreadlocks aparecessem - diminuindo a diversidade dos manifestantes. Mais recentemente, algo parecido aconteceu na maneira como as pessoas trazidas para os locais de protestos pela cobertura de Swampy que eles viram na TV começaram a reproduzir nas suas próprias vidas as atitudes apresentadas pela mídia como características do papel do "eco-guerreiro".

"Assim como a passividade do consumidor é uma passividade ativa, a passividade do espectador reside na habilidade de assimilar papéis e desempenhá-los de acordo com as normas oficiais. A repetição de imagens e estereótipos oferecem um conjunto de modelos, o qual se supõe que qualquer um possa escolher um papel". O papel do militante ou ativista é apenas um desses papéis e, nesse sentido, apesar de toda a retórica revolucionária que existe nesse papel, ele reside, em última instância, no conservadorismo.

A atividade supostamente revolucionária do ativista é uma rotina cega e estéril - uma constante repetição de umas poucas ações sem potencial para mudança. Ativistas provavelmente resistiriam à mudança se ela viesse, porque ela destruiria as fáceis certezas de seu papel e o agradável pequeno nicho que eles cavaram para eles mesmos. Como chefes de sindicatos, ativistas são eternos representantes e mediadores. Da mesma forma que líderes sindicais seriam contra o sucesso de seus trabalhadores na sua luta porque isso provavelmente os colocaria fora do emprego, o papel do ativista é ameaçado pela mudança. De fato, a revolução, ou mesmo algumas mudanças reais nessa direção, desagradariam profundamente ativistas por destituí-los de seus papéis. Se todos se tornam revolucionários, então você não é mais especial, não é?



Então por que nos comportamos como ativistas? Simplesmente porque é a

opção fácil dos covardes? É fácil cair no papel de ativista, porque ele se adapta a essa sociedade e não a desafia ativismo é uma forma aceita de dissidência. Mesmo se, como ativistas, fazemos coisas que não são aceitas e são ilegais, a forma de ativismo em si é da mesma forma de um emprego - significa que ela se adapta em nossa psicologia e nossa formação. Ela causa uma certa atração precisamente porque não é revolucionária.

NÓS NÃO PRECISAMOS MAIS DE MÁRTIRES



A chave para se entender o papel do militante e do ativista é o sacrifício próprio o sacrifício de si mesmo para "a causa'', que é vista como algo separado de si próprio. Isto, é claro, não tem nada a ver com a verdadeira atividade revolucionária, que é encontrar a si próprio. O martírio revolucionário caminha junto com a identificação de alguma causa separada de sua própria vida uma ação contra o capitalismo que identifica o capitalismo como "lá fora", na City, é fundamentalmente um engano - o poder real do capital está aqui mesmo, na nossa vida cotidiana - nós recriamos o seu poder todos os dias, porque o capital não é uma coisa, mas uma relação social entre as pessoas (e também entre classes), mediada por coisas. É claro que eu não estou sugerindo que todas as pessoas envolvidas no 18 de junho compartilham a adoção deste papel e o sacrifício próprio que caminha com ele em igual proporção. Como eu disse antes, o problema do ativismo ficou aparente no 18 de junho, precisamente, porque o 18 de junho fora uma tentativa de quebrar esses papéis e nossos modos normais de operar. Muito do que está escrito aqui é um "cenário do pior caso", que pode levar o desempenho do papel do ativista. A proporção do quanto podemos reconhecer nosso movimento dentro deste quadro nos dará uma indicação de quanto trabalho ainda está por ser feito.

O ativista torna a política cega e estéril e leva as pessoas a se afastarem dela, mas desempenhando esse papel, também, ele próprio acaba se destruindo. O papel do ativista cria uma separação entre fins e meios: sacrifício próprio significa criar uma divisão entre a revolução como amor e alegria no futuro e o dever e a rotina agora. A visão de mundo do ativista é dominada pela culpa e obrigação porque o ativista não está lutando por ele mesmo, mas por uma causa separada. "Todas as causas são igualmente humanas".



Como um ativista, você tem que negar seus próprios desejos porque sua atividade política é definida de tal modo que essas coisas não contam como "políticas". Coloca-se "política" em uma caixa separada do resto da vida - é como um emprego... Faz-se "política" das 9 às 5 e, então, vai-se para casa e faz-se alguma outra coisa. Porque ela se encontra em uma caixa separada, a "política" existe desobstruída de quaisquer considerações práticas de efetividade do mundo real. O ativista se sente obrigado a manter em funcionamento a mesma velha rotina sem pensar, incapaz de parar ou considerar, o ponto principal é que o ativista é mantido ocupado e alivia sua culpa batendo sua cabeça em um muro, se necessário.



Parte do ser revolucionário pode consistir em saber a hora de parar e esperar. Pode ser importante saber como e quando atacar para uma máxima eficácia e também como e quando NÃO atacar. Ativistas têm a atitude "nós precisamos fazer algo AGORA!", que parece ser movido por culpa. Isso é completamente anti-tático.

O sacrifício próprio do militante ou do ativista é refletido no seu poder sobre os outros como um expert - da mesma forma que numa região existe um tipo de hierarquia do sofrimento e da honradez. O ativista assume poder sobre os outros pela virtude de seu alto grau de sofrimento (grupos "não-hierárquicos" de ativistas de fato formam a ditadura do mais empenhado). O ativista utiliza a coerção moral e a culpa para ganhar poder sobre os outros menos experientes na teogonia do sofrimento. Sua subordinação de si mesmo anda de mãos dadas com a sua subordinação de outros todos escravizados pela "causa". Políticos que se auto-sacrificam impedem o crescimento de suas próprias vidas e de seu desejo de viver - isso gera uma amargura e uma antipatia para a vida que é então virada para o exterior para secar tudo o mais. Eles são "grandes desprezadores da vida... os partidários do auto-sacrifício absoluto... suas vidas distorcidas pelo seu monstruoso ascetismo".



Podemos observar isso no nosso próprio movimento, por exemplo, no local, no antagonismo entre o desejo de sentar ao redor e ter um bom momento versus a culpa de pecador que constrói/fortalece as barricadas do trabalho ético e no excessivo vigor que são denunciadas, às vezes, as "escapadas para lanches". O mártir que se auto-sacrifica é ofendido e ultrajado quando percebe que outros não estão se auto-sacrificando. Da mesma forma que o "trabalhador honesto", ataca o batedor de carteira ou distribui socos com tal causticidade, sabemos que é porque ele odeia o

seu trabalho e o martírio que ele fez de sua vida e, portanto, odeia ver qualquer um que escapa à sua luta, odeia ver alguém se divertindo enquanto ele está sofrendo - ele deve trazer todos para a merda em que ele vive - uma igualdade de auto-sacrifício.

Na antiga cosmologia da religião, o mártir de sucesso ia para o céu. Na visão de mundo moderna, mártires bem sucedidos podem entrar para a história. Quanto maior o auto-sacrifício, quanto maior o sucesso em criar um papel (ou ainda melhor, em deixar um papel completamente novo para as pessoas se igualarem - isto é o eco-guerreiro), ganha-se uma recompensa na história - o céu burguês.



A velha esquerda era muito clara na sua chamada pelo sacrifício heróico: "se auto-sacrifiquem com prazer, irmãos e irmãs! Pela causa, pela Ordem Estabelecida, pelo Partido, pela Unidade, pela Carne e as Batatas!" Mas nos dias de hoje é muito mais velado: Vaneigem acusa "jovens radicais de esquerda" de "entrarem para o serviço da Causa - a 'melhor' de todas as Causas. O tempo que eles têm para a atividade criativa, eles destroem entregando panfletos, colando cartazes, participando de manifestações públicas ou falando mal de políticos. Eles se tornam militantes, fetichizando a ação porque outros pensam por eles".

Isso ecoa conosco especialmente sobre a fetichização da ação - em grupos de esquerda, os militantes são deixados livres para se engajar em intermináveis trabalhos, porque o líder do grupo ou guru possuía a "teoria" certa, que é simplesmente aceita e tratada como a "linha do partido". Com ativistas de ação direta é irrelevantemente diferente a ação fetichizada, eles tem, porém, a uma aversão a qualquer tipo de teoria.

Embora esteja presente, o elemento do papel de ativista que recai no auto-sacrifício e na obrigação não foi tão significativa no 18 de junho. O que deve ser um assunto a ser tratado por nós é o sentimento de separação das "pessoas comuns" que implica o ativismo. As pessoas identificam alguma estranha subcultura, ou uma panelinha, como se nós fôssemos opostos a eles, que são todo o resto do mundo.

ISOLAMENTO



A função de ativista é um isolamento auto-imposto de todas as pessoas que deveríamos estar ligados. Incorporando o papel de um ativista, é-se separado do resto da raça humana como alguém especial e diferente. As pessoas tendem a pensar nelas mesmas na primeira pessoa do plural (a quem você está referindo quando diz "nós"?), como se estivesse se referindo a alguma comunidade de

ativistas, ao invés de uma classe. Por exemplo, hoje em dia, no meio ativista, comumente tem-se dado valor "não mais a temas isolados", mas à importância de se "fazer contatos". Porém, muitas concepções do que isso significa se limita a "fazer contatos" com outros ativistas e, bem, a idéia era ter todas as representações possíveis das mais variadas e diferentes causas e temas no mesmo momento, voluntariamente, relegando nós mesmos ao gueto das boas causas.

Semelhantemente, os vários fóruns de redes que recentemente surgiram em todo o país Rebel Alliance em Brighton, NASA em Nottingham, Rioutous Assembly em Manchester, London Underground em Londres etc. - possuem um objetivo similar: conseguir que todos os grupos de ativistas na área entrem em contato uns com os outros. Não estou rejeitando isto, é um pré-requisito essencial para qualquer ação futura, mas deveria ser reconhecida a forma extremamente limitada que o "fazer contatos" representa. É também interessante pensar no que os grupos que participam desses encontros possuem em comum: eles são grupos de ativistas - no que eles atualmente estão preocupados parece ser de ordem secundária.

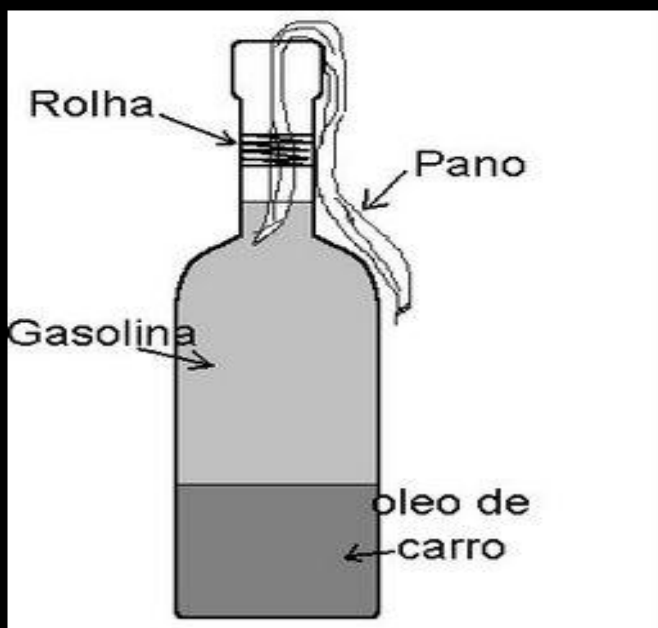


Não é suficiente somente procurar manter contatos com todos os ativistas no mundo, nem é suficiente procurar transformar mais pessoas em ativistas. Contrariamente ao que algumas pessoas possam achar, não estaremos mais próximos de uma revolução se muitas e muitas pessoas se tornarem ativistas. Algumas pessoas parecem ter a estranha idéia de que o que é preciso é que todos sejam, de alguma forma, persuadidos a se tornarem ativistas como nós e, consequentemente teremos a revolução. Vaneigem diz: "A revolução é feita todo o dia, apesar e em oposição, aos especialistas da revolução.".

O militante ou o ativista é um especialista em transformação social ou revolução. O especialista recruta outros para a sua pequena área de especialidade, de maneira a aumentar seu próprio poder; deste modo, dissipando a percepção de sua própria impotência. "O especialista... matricula a si próprio de maneira a matricular os outros." Como num jogo de pirâmide, a hierarquia é auto-replicante: se é recrutado de maneira a ficar na base da pirâmide, tem-se que recrutar mais pessoas para estarem abaixo de você, que farão, por sua vez, exatamente o mesmo com outras pessoas. A reprodução da sociedade alienada de papéis e funções é efetuada através de especialistas.

Jacques Camatte, em seu ensaio "On Organization" (1969), aponta muito bem que grupos políticos muitos vezes acabam se tornando "gangs", definindo-se pela exclusão - a primeira lealdade dos membros do grupo se torna ao grupo, ao invés de ser para a luta. Sua crítica se aplica especialmente para a miríade dos setores de esquerda e grupúsculos aos quais ela foi direcionada, mas se aplica em menor proporção para a mentalidade ativista.

O grupo político ou partido se auto-substitui ao proletariado e sua própria sobrevivência e reprodução tornam-se soberanas e supremas; a atividade revolucionária torna-se sinônimo de "construir o partido" e recrutar membros. O grupo considera a si próprio como sendo o único possuidor da verdade e todos fora do grupo são tratados como idiotas que precisam ser educados pela vanguarda. Ao invés de um debate igual entre camaradas, temos, no lugar, a separação entre a teoria e a prática, onde o grupo possui sua própria teoria, que é quase sempre mantida em segredo na crença de que os jogadores menos capazes mentalmente devem ser ludibriados pela organização através de alguma estratégia de populismo, antes que a política seja lançada a eles de surpresa. Esse método desonesto de lidar com aqueles fora do grupo é semelhante a um culto religioso: eles nunca lhe dirão de frente seus objetivos e pensamentos.



O ativismo como um todo possui características de uma "gang". Gangs de ativistas freqüentemente acabam se tornando alianças entre classes, incluindo todo tipo de reformistas liberais por eles também serem "ativistas". As pessoas se vêem primeiramente como ativistas e sua primeira lealdade se volta para a comunidade de ativistas e não para a luta em si. A gang é uma comunidade ilusória, que nos alude à idéia ilusória de que formamos uma comunidade maior de resistência. A essência da crítica de Camatte é um ataque à criação de uma divisão interior/exterior entre um grupo ou classe. Nós nos vemos como ativistas e, portanto, como estando separados e tendo diferentes interesses em relação à massa da classe trabalhadora.

Nossa atividade deve ser a expressão imediata de uma luta real, não da afirmação da separação e distinção de um grupo particular. Em grupos marxistas, a posse da "teoria" é o elemento que determina o poder - é diferente do meio ativista, mas nem tanto assim. A posse do "capital social" (conhecimento, experiência, contatos, equipamentos etc.) é o elemento primário determinante do poder.

O ativismo reproduz a estrutura desta sociedade e como ela opera: "quando o rebelde começa a acreditar que ele está lutando por um bem maior, o princípio autoritário dá um corte." Este não é um problema trivial, mas a base das relações sociais capitalistas. O capital é uma relação social entre pessoas mediadas por coisas - o princípio básico da alienação é de que vivemos nossas vidas ao serviço de alguma coisa que nós mesmos criamos. Se nós reproduzimos essa estrutura em nome da política que se declara anti-capitalista, já perdemos antes mesmo de ter começado. Não se pode lutar contra a alienação por meios alienados.

UMA PROPOSTA MODESTA

Esta é uma modesta proposta de que deveríamos desenvolver maneiras de

operar adequadas às nossas idéias radicais. Essa tarefa não será fácil e o autor deste pequeno ensaio não possui uma idéia mais clara de como deveríamos agir sobre este assunto do que qualquer outra pessoa. Não quero dizer que o 18 de junho deveria ter sido abandonado ou acatado; de fato ele foi uma tentativa válida de irmos além de nossas limitações e criarmos algo melhor do que o que temos no presente. Porém, na sua tentativa de quebrar com antiquadas e doutrinárias maneiras de fazer as coisas, ele tornou claras as amarras que ainda nos prendem ao passado.

As críticas do ativismo que eu expressei acima não se aplicam todas ao 18 de junho. Porém, existe um certo paradigma de ativismo que, na sua pior forma, inclui todos os que eu expressei acima e o 18 de junho compartilha deste paradigma em certa proporção. Até qual exata proporção é você quem deve decidir.



O ativismo é uma forma em parte imposta sobre nós pela fraqueza. Como a ação conjunta levada pelo Reclaim the Streets e os portuários de Liverpool, nos encontramos em tempos em que a política radical é muitas vezes produto de fraqueza mútua e isolamento. Se for este o caso, pode ser que não esteja sequer dentro do nosso poder romper com o papel dos ativistas. Pode ser que, em tempos de diminuição da luta, aqueles que continuarem a trabalhar pela revolução social fiquem marginalizados e passem a ser vistos (e vejam a si próprios) como um grupo social separado das pessoas. Pode ser que isso só seja possível de ser corrigido por um generalizado ressurgir da luta, quando não seremos mais pessoas esquisitas e loucas, parecendo simplesmente estar carregando o que se encontra na cabeça de todos. No entanto, para trabalhar no sentido de aumentar a luta, será necessário quebrar com o papel de ativista até à proporção que for possível, para constantemente tentar empurrar as fronteiras das nossas limitações e constrangimentos.

Historicamente, aqueles movimentos que chegaram mais perto de desestabilizar, remover, ou ir além do capitalismo não tiveram como um todo a forma de ativismo. O ativismo é essencialmente uma forma política e um método de operar apropriado ao reformismo liberal, que tem sido empurrado além de seus próprios limites e usado para propósitos revolucionários. O papel do ativista - ele próprio - deve se constituir em um problema para aqueles que desejam a revolução social.

Andrew X.

NOTAS DO TRADUTOR:

(*) O autor se encontra na Inglaterra. Portanto creio que, no Brasil e na América Latina, o "esquerdismo" partidário e a social democracia estejam bem mais presentes, o que faz com que os militantes dessas ideologias sejam encontrados com muito mais frequência.



CRASHER CRUSTIES

Mais do que um estilo musical, CRASHER CRUST era uma cena japonesa. Apesar de ser uma cena muito produtiva, o acesso a materiais sobre ela é difícil e igualmente difícil foi escrever sobre ela.
O termo foi criado pela banda GLOOM , o "crasher" se deve ao fato de os integrantes terem mais raiva do que técnica musical, então cordas e peles frequentemente estouravam. O termo também era bom para diferenciar as bandas mais toscas e undergrounds das bandas mais profissionais e famosas, que tinham certa aversão a estas bandas "crasher" e também da onda "copycat" de Ramones que rolava na época.

Como já dito, crasher crust era mais que um estilo musical, musicalmente, o som variava do punk hardcore (estilo que predominava na cena) ao crustcore, o próprio d-beat surge neste meio, foi um termo criado pelo Disclose que define as bandas que utilizam a batida do Discharge (e muitas vezes também a estética das produções) mas talvez a melhor definição da sonoridade destas bandas seja o noise crust. Das bandas que faziam parte desta cena, ou que em algum momento foram envolvidas com ela, podemos citar Defiance (nenhuma ligação com a banda de Portland, desta aqui se originou a Gloom) Gloom, Framtid, Disclose, Crocodile Skink, Battle of Disarm, Life, Collapse Society, Poikkeus, Reality Crisis, Abraham Cross e Deceiving Society. Mais tarde também Defector, Frigora, Acrostix, Zoe entre muitas outras.

Tokyo, Osaka e Nagoya são as cidades de maior atividade desta cena, uma situação inusitada é que em Tokyo as gigs rolavam em um piko atrás de uma delegacia, o que ocasionalmente gerava problemas, mas, segundo consta, menos do que se pode imaginar quando se pensa em centenas de punx e uma delegacia de polícia.

A cena crasher era uma cena muito produtiva, as gigs "final noise attack" aconteceram dezenas de vezes, (saiu também um EP de mesmo nome, com as bandas Defiance, Condemned e Despair) também as gigs "all crusties spending loud night" que aconteceram várias vezes, anualmente, e que renderam os DVDs do ano de 97 e do ano de 2002. Além disto há zines, produtoras, distros, selos e lojas, Como, Crust War (do Jacky da Gloom, Framtid, entre outras), Punk and Destroy (distro do baterista da Framtid, Shin

Vol.3
LOVE, CHAOS AND BEER

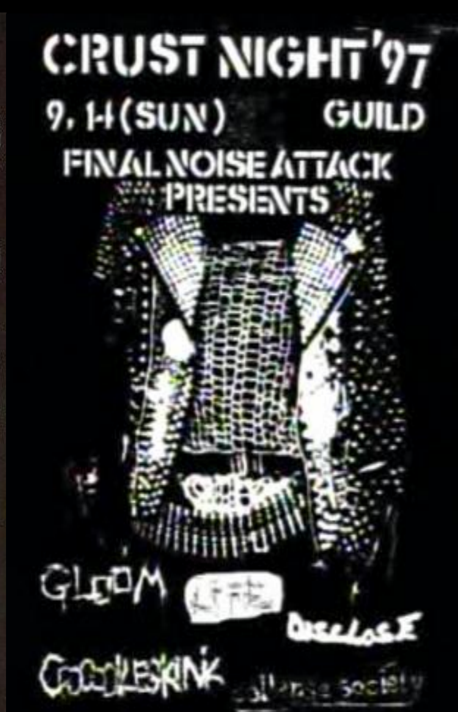
Takayama) MCR, posteriormente Huck Finn, Hardcore Victim entre outros.

Politicamente, pelas entrevistas e produções, se nota que as bandas tem posturas libertárias, e muitas vezes extremamente politizadas e anarquistas (como Battle of Disarm). Os temas das bandas, em geral, giram em torno das questões sempre levantadas pelos punx, anti nazi, os horrores da guerra, o caos decorrente do modo de vida da sociedade em geral, a luta anti nuclear, paz, mas também diversão, música, drunkeria e cultura punk.

Das produções vale ressaltar o que considero de melhor desta cena:

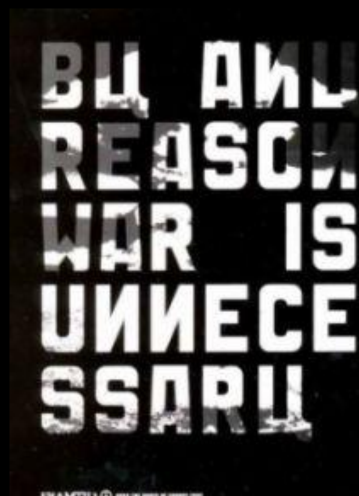
VIDEOS:





All Crusties Spending Loud Night 97 e 2002

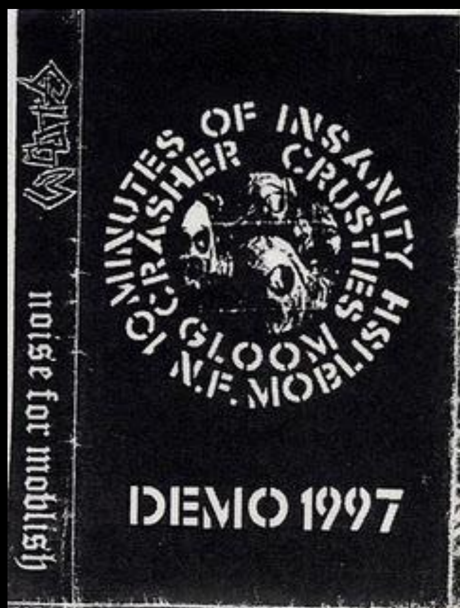
Em DVD os dois sairam juntos, gravação em vídeo das gigs "all crusties spending loud night" a gravação de 97 é bem tosca mas com muita energia, todas as bandas são destaque, a gravação de 2002 tem uma qualidade muito melhor e a gig também é mais longa, destaque para Framtid, Reality Crisis, Disclose e Defector.



Framtid - Over the Ashes

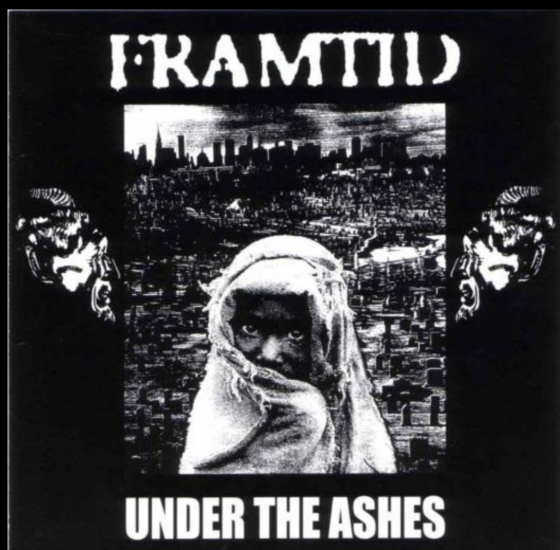
Tour da banda Framtid pela europa feita em 2007, o estilo das filmagens e das animações deixam o DVD com uma atmosfera bem sombria, todas as gigs são brutais e eles também registraram gigs de bandas que tocaram com eles, como Project Hopeless, See you in hell, Instinct of Survival e Seein Red.

MÚSICAS:



Gloom - Noise For Moblish - Demo 1997

Demo em K7 muito ponderosa da Gloom, a definição de noise crust esta presente aqui, a gravação é bem barulhenta e a qualidade não é lá estas coisas, mas é impossível dizer se é proposital ou não. A bandeira com a arte desta capa esteve presente em diversas gigs, mesmo quando Gloom não estava tocando. Destaque para "nuclear annihilation" e "answer=chaos".



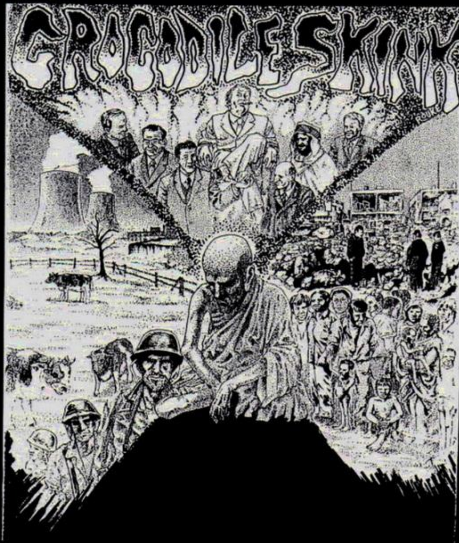
Framtid - Under the Ashes

Admito que foi extremamente difícil não colocar Framtid centenas de vezes aqui e escolher só um material para a parte de discos e k7s, a demo "consuming shit and mind pollution" também é extremamente importante, mas o disco under the ashes não poderia ficar fora, muito bem tocado do começo ao fim, eles juntaram musicas das demos, regravaram e o resultado final foi este, uma aula de crust, impossível destacar uma música, então o destaque fica para o vocal brutalíssimo do Makino.



Tokyo Crusties - EP

Disco que sai no começo disto tudo, 8 músicas e 4 bandas em um EP. Battle of Disarm, Collapse Society, Abraham Cross e Crocodile Skink, todos mostrando muita energia, raiva e o potencial que tiveram mais tarde, Destaque para a anarcopunk Battle of Disarm.



Crocodile Skink - St. EP

Ep pouco lembrado, mas muito bom! O vocal não está muito nítido na gravação, mas já mostrava todo potencial do Makino, das gravações desta cena e desta época, talvez o disco com atmosfera mais pesada, Destaque para a música "Revolution".



Deceiving Society - Detonation Cruster

Insane noise crust as fuck! Deceiving Society reúne em suas influências o que há de melhor da cena crasher e lança este disco, bem menos conhecido que bandas como Gloom e Framtid mas sem ficar atrás delas em nada. Estes tempos foi remasterizado e relançado pela Crust War. Extremamente recomendado!!



Disclose   Raw Brutal Assault

Pensei eu deixar Disclose de fora desta lista por ser uma banda bem famosa e todos conhecerem os materiais, mas não seria justo. Raw brutal Assault sai em dois volumes e retrata a fase mais DIS da banda. O d-beat é um estilo que já foi e ainda é muito criticado, mas que é um capítulo importante da cena punk e que influenciou muitas bandas e a cena crust como um todo. Depois desta época a banda fica com uma sonoridade mais própria e menos Discharge (o que considero a melhor fase deles) mas esta fase aqui é a fase mais importante da banda para a cena.

E dos zines os destaques são:



INFERNO PUNX

Um amigo me disse que a frase em japonês da capa diz algo como "isto é um documentário e não um trabalho de fã". O zine é exatamente isto, um documentário fotográfico da cena punk japonesa de 1989 a 2003, e é possível afirmar que o foco maior é nesta cena crasher, há muitas fotos das bandas aqui já citadas e dos punx em geral desta cena, ótimo material para se ter idéia da dimensão do crasher crust.



Crust War

Zine feito por Jacky e outros vários punx, como o próprio Kawakami, Material extremamente importante para esta cena, sua estética, mais crust punk impossível, influenciou a estética de toda cena crasher crust. Nos zines há centenas de resenhas, galerias de fotos e biografias, infelizmente a língua muitas vezes dificulta o entendimento para quem assim como eu não entende japonês, mas há muitas coisas em inglês nele também.

O zine se tornou também uma distro e um selo, que lançou a maioria das bandas desta cena. A partir da oitava edição, algumas edições acompanhavam EPs.





PUNX DA INDONÉSIA SÃO PRESOS POR RAZÕES RELIGIOSAS

Autoridades da província mais conservadora da Indonésia, a Aceh, cometem atrocidades em defesa dos bons modos islâmicos. Na metade de dezembro de 2011, os agentes locais prenderam dezenas de punks que foram a um show local no fim de semana. Apreenderam correntes, roupas, coturnos, e piercings dos punks, rasparam seus cabelos e os fizeram tomar banho seminus em um rio local, sob o pretexto de proteger os valores muçulmanos na região e os "purificar espiritualmente".



Ainda não satisfeito, o chefe de polícia local, Iskandar Hasan também fez questão de entregar uma escova de dentes para cada um dos detidos e gritar "usem-na!".



Um dos punks presos na ocasião, chamado apenas de Fazan, de 20 anos, declarou-se profundamente revoltado e triste com a ação dos agentes.



- Por quê? Por que o meu cabelo? - disse ele, apontando para a cabeça raspada Eu não machuquei ninguém. Nós não estamos violando os direitos humanos. Esse é só o modo que escolhemos para nos expressar. Por que eles nos tratam como criminosos?

As mulheres punks detidas, algumas em lágrimas, tiveram o cabelo cortado acima do ombro. Hasan, o chefe de polícia, defende a ação dos agentes.



- Nós não estamos torturando ninguém. Não estamos violando os direitos humanos. Nós só estamos tentando trazê-los para o bom caminho disse o oficial.

Os jovens devem permanecer 10 dias em "reabilitação", recebendo roupas tradicionais, treinamento

de disciplina militar e assistindo a aulas de religião, incluindo recitação do Al Corão. Depois disso, serão levados para casa, segundo as autoridades.



A província de Aceh é a única no país que ainda segue a tradição secular de impor os preceitos islâmicos como lei. Lá, o adultério é punido com o apedrejamento até a morte, homossexuais são presos ou chicoteados em público, e as mulheres são obrigadas a usar lenços e não utilizar "calças apertadas demais".

Punx do mundo inteiro se manifestaram contra esta violência, seja nas ruas, seja enchendo a caixa das embaixadas da Indonésia pelo mundo.

Em outras cidades da Indonésia os punx se manifestaram em repúdio aos acontecimentos em Aceh, Levaram faixas e placas as ruas manifestando seu ódio a repressão e exaltando a cultura punk, entre outras coisas, também fizeram moicanos nos manifestantes presentes que quisessem demonstram a sua afronta ao estado com seu visual.

Se houvesse toda esta dificuldade por aqui, acredito que teria um numero de pessoas menor que a metade que existe hoje.
Apesar de toda esta repressão a movimentação punk na indonésia é grande e forte, muitas vezes tão





misturada e confusa quanto a nossa, mas talvez o fato de ser reprimida fortemente faça com que os punks sejam mais unidos e só tenha na cena pessoas que realmente amam a cultura punk e a encaram como forma de luta y resistência.

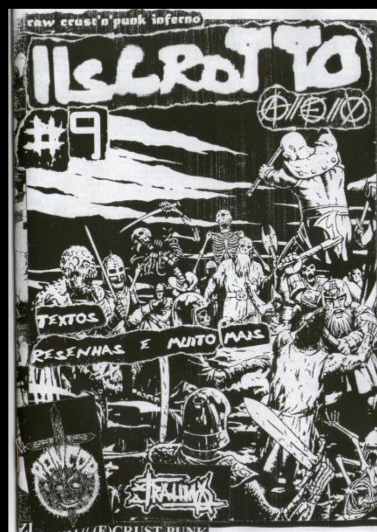
Há na internet um vídeo muito interessante que trata da cena de Jakarta, com foco no coletivo e comunidade ativista "Taring Babi", muito bom para conhecer um pouco mais as atividades locais. Segue link abaixo:
http://www.engagemedia.org/Members/alimander/videos/taringbabi.avi/view

TODO ÓDIO A DOMINAÇÃO RELIGIOSA
TODA FORÇA Y APOIO AOS PUNX DA INDONÉSIA

UP THE FUCKING PUNX!!!

LINKSLINKSLINKSLINKSLINKSLINKSLINK





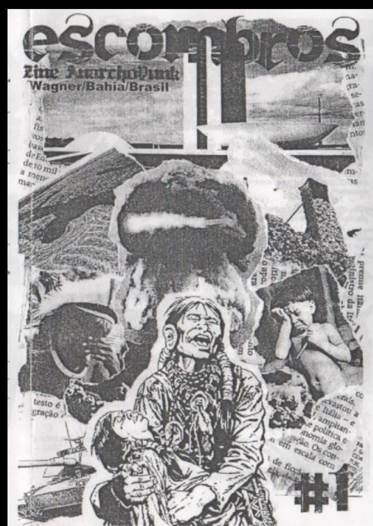
IISCROTO ZINE #9

Zine muito bom do mano André aqui de SP, o zine já está na nona edição e todas as edições que eu tive acesso são muito boas e esta não é diferente. A estética é punk na tora, gosto muito das colagens. Texto sobre o squat Köpi, mostrando um pouco da sua história e de suas atividades, entrevista com as banda Rancor (como sempre contundentes!) PK Trauma, galeria de fotos, resenhas, um texto que se faz muito necessário neste momento, mostrando um pouco dos motivos de repudiarmos skinheads e uma matéria interessantíssima sobre a história e a importância zines na nossa realidade. Altamente recomendado!! **contato:andredrg@bol.com.br**



AGNÓSIA ZINE #2

Um zine excelente que vem do nordeste! Produzido por Agnósia Team, do Coletivo Crust or die, o zine é de alta qualidade, do conteúdo à impressão, segunda edição deste zine que pego e a qualidade até o momento sempre me surpreende positivamente, nesta edição tem entrevista com as bandas Whipstriker, La Brume Grise e Agoniza Madre Tierra, seguindo a linha da ultima edição de entrevistar okupa, aqui tem entrevista com a galera da okupa Guamirim de Maio. Um texto bem legal sobre teoria queer e mais resenhas de discos, zines e afins Espero que venham muitas mais edições amigxs!
Contatos: debiemol@hotmail.com - cmknup@hotmail.com - valdo.jr19@hotmail.com - nal.rancor@hotmail.com



ESCOMBROS ZINE #1

Gostei bastante deste zine! Conteúdo bem raivoso, com vontade de gritar por si só! Foi uma puta surpresa boa! O zine vem da cidade de Wagner, Bahia e contém texto sobre definições de anarquismo, legalização do aborto, resistência tupinambá e mais textos e poesias do autor. Entrevistas com Agnósia e Exclusos (muito boas!), releases de vários discos mais discografia e biografia da Sin Dios. Espero que venham mais edições! Contato: xmu3dorx@hotmail.com

PROFANE EXISTENCE #63

Fui presenteado pelo amigo Josimas com esta edição em papel, edição 63 do clássico zine Profane Existence. O zine vem em papel jornal e quando aberto ao meio fica bem com o formato de um caderno dos jornais daqui. O zine em si vale ressaltar que é grande influência pra Insanity Crusties.
Destaque primeiramente e sempre para a coluna "The Anti-Christy". Entrevistas com "Boneshaker Books", "Moshpit Tragedy"Burnt Cross, Dripfed, Kontrasekt, War//Plague Peace Ridge Sanctuary(Muito boa!) e Daniel Shaw, mais artigos e dezenas de releases de discos. Além disto, ainda acompanha o catálogo da Profane Existence Distro.
O zine agora também tem ficado disponível em versão PDF, e fica aqui o link.

http://www.profaneexistence.org/PDF/PE63_Web.pdf

punksishippies.blogspot.com

Blog com um acervo BRUTAL de zines. De todos os gêneros, estilos países e épocas. O acervo é bem catalogado(Ano, Número, Estilo, Nome) o que facilita bastante o acesso, além de ter a opção de leitura online de boa parte dos zines. Destaque para os zines brasileiros dos anos 80 como SP PUNK e VIX PUNK, para os zines anarcopunks dos anos 90, como o RESISTÊNCIA e o zine da cooperativa ROJ@S DE RABIA e para os zines crusties japoneses.

FERIDA EXPOSTA ZINE #2

Zine foda dos meus manos da distro **Wolfgang** de Campinas. Zine com ótima impressão, diagramação e estética. CRUST ÄS FUCK!. Entrevistas com Unfit Scum (Muito boa!), Mob 47 e Lautstürmer. Mais notícias do "nosso mundo", biografia de uma das bandas mais fodas que já existiu **Wretched**, e uma sessão que eu acho muito loka que se chama "Discos para se ouvir antes de morrer".
Entre em contato também para ver os materiais que a distro passa, muito disco e muita estampa boa.
Contato: wolfgangdistro@hotmail.com



Uma produçao:

Insanity Crusties
anarcopunk crust as fuck zines

E-mail para contato:
insanitycrusties@gmail.com

DISTRIBUÍDO EM PAPEL POR:







INSANITY CRUSTIES

anarcopunkcrustäsfuckzines